

Sabia que ...

... os primeiros a pescar bacalhau foram os vikings, que, à falta de sal, deixavam o peixe a secar ao ar livre nos barcos. Sal era coisa que, na Idade Média, os portugueses tinham e usavam como moeda de troca com os países nórdicos: importavam o bacalhau, exportavam o sal.

Os primeiros relatos a indicarem uma relação da pesca de bacalhau com o método da salga datam do século XIV e, durante as viagens das ditas descobertas portuguesas, no século XV, a necessidade de conservação do peixe durante longos períodos de tempo tornou-se imperiosa. Na viragem do século XV para o XVI, tornámo-nos pioneiros na armação de grandes barcos para a pesca e rumámos aos mares da Terra Nova, hoje uma província do Canadá, e da Gronelândia, a bordo dos veleiros de três mastros chamados de lugres. Em 1506, havia já um imposto sobre o bacalhau que entrava nos portos situados entre o Douro e o Minho.



O historiador Álvaro Garrido com a bata que se usa no armazém de frio da Lugrade, em Taveiro, perto de Coimbra, onde dá aulas na universidade. Para ele a história da relação dos portugueses com o bacalhau não tem segredos.

Professor na Faculdade de Economia de Coimbra, Álvaro Garrido tem vários livros sobre a história do bacalhau. Diz que desde a Idade Média consumimos o fiel amigo, importado, mas que logo no início do século XVI andávamos na Terra Nova a pescá-lo, tradição que renasceu no século XIX e que o Estado Novo reforçou com a campanha do bacalhau.

A partir dos anos 1960, começam a surgir os problemas motivados pela mudança do direito do mar e pela crescente dificuldade em arranjar quem quisesse trabalhar naquelas condições. As frotas de lugres transportavam em pilha os dóris, as embarcações a remos de um homem lançadas ao mar para pescar o bacalhau à linha - arte dominante de pesca até 1974. Com uma duração de cerca de seis meses, de cada viagem regressavam sempre menos

homens do que os que tinham partido. As condições de trabalho eram muito duras, como descreve Garrido no prefácio da republicação do livro *A Campanha do Argus*: “As viagens dos pescadores de dóri eram relativamente curtas, mas perigosas. Os pescadores-marinheiros afastavam-se do ‘navio-mãe’ centenas de metros, às vezes duas ou três milhas, e voltavam largas horas depois, quando carregados de bacalhau. O nevoeiro e os icebergues eram os principais obstáculos a vencer.” Já para não falar nos fatores vento e ondulação. “O primitivismo do trabalho a bordo dos pequenos dóris (a pesca com linhas e anzóis), a dureza das tarefas no convés (a escala) e os constrangimentos do porão (a salga de bordo) cederam ante a beleza do navio e a bravura dos seus homens. Castigados por jornadas de trabalho que desafiavam os limites da resistência humana, os rudes pescadores passaram a ‘ntrépidos navegantes’.”



Cada um por si, dezenas de homens era lançados ao mar nos dóris, os botes da pesca do bacalhau.

Álvaro Garrido associa a queda da pesca do bacalhau à queda do Estado Novo. Os últimos três grandes navios de pesca de bacalhau à linha vão pela última vez ao mar em 1974.

Excertos e adaptações da notícia e entrevista publicadas em:

<https://ocio.dn.pt/memoria/o-bacalhau-e-os-portugueses-uma-relacao-com-seculos/24340/>

<https://www.dn.pt/1864/centralidade-do-bacalhau-na-identidade-portuguesa-e-um-belo-misterio-11608576.html>